



Uma Portelinha em Salvador¹

André Camargo Rodrigues UZÊDA²

Carlos Eduardo Oliveira da SILVA³

Malu FONTES⁴

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

1 APRESENTAÇÃO

A reportagem “Uma Portelinha em Salvador”, produzida pelos graduandos em jornalismo André Uzêda e Carlos Eduardo Oliveira, foi publicada em janeiro de 2008, na edição 14 do Jornal da Facom (JF), produto laboratorial da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso, da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

2 OBJETIVOS

O objetivo principal da reportagem foi destacar aspectos pontuais das condições socioeconômicas em que vivem os moradores do Bairro da Paz, comunidade periférica da cidade de Salvador, em contraposição à melhora do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro, divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em novembro último, que colocou o Brasil no rol dos 70 países com alto desenvolvimento humano.

Outro objetivo da reportagem foi o de averiguar a natureza e a importância de projetos sociais desenvolvidos por organizações não-governamentais para a comunidade do Bairro da Paz, destinados à geração de renda e à promoção da cidadania, que, de certo modo, amenizam os problemas ocasionados pela ineficiência dos poderes públicos.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha do Bairro da Paz como *locus* da reportagem teve duas importantes motivações. A primeira, por se tratar de uma amostra da realidade socioeconômica em que vivem os cidadãos das periferias dos grandes centros urbanos brasileiros. Na contramão dos números oficiais que deram ao Brasil o título de país com “alto desenvolvimento humano”, o Bairro da Paz é uma comunidade que sofre com problemas graves de infra-estrutura e serviços básicos, especialmente no tocante aos

¹ Trabalho submetido ao Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade B2.1 Produto Informativo, como representante da Região Nordeste.

² Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFBA, email: deuzeda@gmail.com

³ Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFBA, email: contatocaduoliveira@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFBA, email: maluzes@gmail.com.



indicadores analisados pelo IDH, a saber: educação, renda *per capita* e expectativa de vida.

A segunda motivação refere-se ao fato de o Bairro da Paz ser, invariável e sistematicamente, representado pelos veículos de comunicação de Salvador como um cenário dominado pela violência urbana, baseados na incidência de crimes ocorridos naquela localidade e/ou praticados por moradores da comunidade. A cobertura de grande parte da mídia soteropolitana dá pouca ou nenhuma visibilidade aos problemas por que passa aquela população, não aprofunda a discussão sobre os fatores que tornam delicada a questão da segurança pública, ao passo que colabora para a construção e manutenção de estigmas e representações equivocadas sobre os moradores do bairro.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A produção da reportagem seguiu as seguintes etapas metodológicas:

1. Elaboração de pauta;
2. Levantamento de dados acerca do relatório do IDH através de fontes da Internet;
3. Levantamento de reportagens veiculadas nas mídias soteropolitanas sobre o Bairro da Paz;
4. Planejamento de reportagem;
5. Apuração *in locu*:
 - 5.1. Entrevistas com coordenadores e integrantes de cooperativas e organizações não-governamentais;
 - 5.2. Entrevistas com representantes do poder público;
 - 5.3. Entrevistas com profissionais da educação, estudantes e moradores do bairro;
 - 5.4. Captura de imagens.
6. Produção do texto;
7. Edição;
8. Revisão final.



SAÚDE

As dificuldades dos jovens 'grávidos'

Pág. 6

CIDADE

Os sem-teto na luta pela cidadania

Pág. 10 e 11

CULTURA & ARTE

A eterna crise do mercado editorial

Pág. 18 e 19

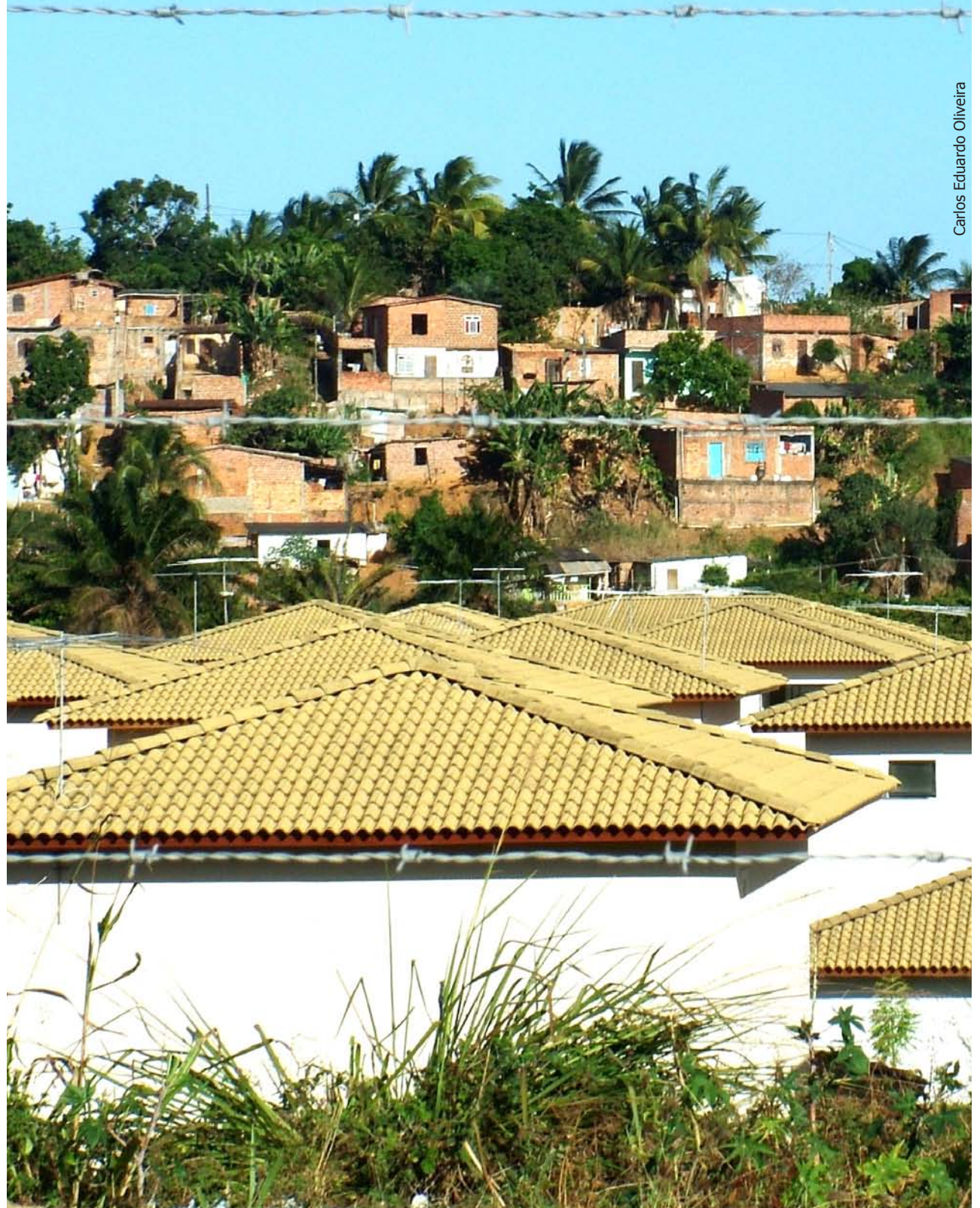
CULTURA & ARTE

Canudos recebe espetáculo *Os Sertões*

Pág. 20 a 22

Eu acredito é na rapaziada

Pág. 12 a 14



Carlos Eduardo Oliveira

Uma Portelinh

Ex-invasão como a periferia da novela, a comunidade do I

ANDRÉ UZÊDA
CARLOS EDUARDO OLIVEIRA

Os problemas do Bairro da Paz vão muito além daquilo que é frequentemente noticiado pela mídia baiana, como, por exemplo, os constantes atropelamentos de moradores na Avenida Paralela e ações violentas como o ousado ataque do crime organizado, em agosto último, que crivou de balas o módulo policial na caça a um suposto informante da polícia.

Localizado entre a Orla e a Paralela, numa área altamente valorizada pela especulação imobiliária, o Bairro da Paz e cerca de seus 60 mil moradores enfrentam inúmeras carências estruturais que vêm se agravando desde 1982, época em que ainda era uma invasão. A realidade do bairro contrasta com o relatório do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em novembro passado, que colocou o Brasil no ranking dos 70 países com melhores números nos indicadores expectativa de vida, renda per capita e educação. Na contramão dos dados, o Bairro da Paz é uma pequena amostra de como o alto desenvolvimento humano ainda não é acessível para todos os brasileiros.

Educação a granel

As portas de rolagem vermelhas, típicas de um modesto mercadinho, dificultam a identificação imediata do único colégio estadual do bairro. A constatação de que aquele prédio no fim de linha é realmente uma escola só vem após a leitura da fachada: Colégio Estadual Paulo dos Anjos.

A escola, que recebe o nome de um antigo capoeirista do bairro, começou a funcionar no ano de 2005, após protestos de moradores que fecharam a Avenida Paralela para exigir a construção do colégio. O Governo Estadual alugou o prédio onde funcionava o antigo supermercado, alegando falta de terreno cedido pelo Município.



Carlos Eduardo Oliveira

Antigo mercadinho é alugado pelo Governo do Estado como escola e, no detalhe, o anexo

Elisia Mélia Santos, diretora do colégio, que divide espaço com uma improvisada sala de informática, conta que “de junho a dezembro de 2005, brincava dizendo que era a diretora do Supermercado Casa Cheia, porque o colégio funcionava com a placa do antigo estabelecimento”.

A coordenação, a sala dos professores e a vice-direção também funcionam num mesmo cômodo, no segundo andar. As sete salas de aula são divididas por finos tapumes que mal cobrem os vãos entre uma classe e outra. O barulho habitual provocado pelos estudantes fora da sala dispersa facilmente aqueles que assistem às aulas. Cantina, quadra esportiva, área de lazer e biblioteca inexistem. O ex-mercadinho possui apenas dois andares para cerca de 1.200 alunos matriculados em três turnos. A miudeza do espaço obrigou a direção do colégio a remanejar alguns estudantes para uma área anexa, que funciona no andar superior da farmácia defronte ao Paulo dos Anjos.

Elisia Mélia, que afirma já ter procura-

do representantes do Governo Estadual, foi contactada por um programa televisivo mais de uma vez para falar sobre a situação da escola. “Eles [a produção do programa] já entraram em contato com a gente. Eu até falei ao vivo, mas até agora não conseguimos nenhuma solução”.

Enquanto os governos estadual e municipal não chegam a um acordo quanto à construção do novo centro educacional, depoimentos como o do estudante Alefi Bispo, 13 anos, que repete a 5ª série, chocam pelo quadro de abandono: “O barulho é insuportável, o calor também. Ventilador nenhum funciona aqui, tá tudo quebrado. Os colegas ficam perturbando pelos buracos nas paredes. Falta até professor de português, o último foi embora”.

Paz sem saúde

O Posto Dr. Orlando Imbassahy é o único centro de saúde do Bairro da Paz. Por ser uma unidade básica de atendimento, funciona das 8 às 17h e oferece apenas serviços

gerais (odontologia, enfermagem, clínica-geral, ginecologia, dentre outros), o que não atende as demandas dos cerca de 60 mil habitantes da localidade.

Gerente há mais de um ano do centro de saúde, Paula Nascimento justifica que, por se tratar de uma unidade básica, e não um pronto-atendimento, não pode atender situações de emergência. “Tem gente que chega aqui com casos de risco de vida, mas nós nem temos equipamentos para isso. Nem diagnosticar direito nós podemos”, reconhece.

Devido à evidente ineficiência do sistema de saúde no bairro, a comunidade é obrigada a recorrer aos hospitais mais próximos, como o Roberto Santos, localizado no Cabula. Além disso, as falhas na coleta de lixo e no sistema de esgoto nas ruas do logradouro contribuem para espalhar enfermidades entre a população, especialmente entre crianças e idosos.

Cordeiros da Paz

Apontada como a segunda maior prio-



a em Salvador

Bairro da Paz não reflete os resultados do IDH brasileiro.

ridade entre jovens para obter sucesso na vida, atrás apenas da escolaridade (49%), a oportunidade de emprego é essencial para 47% dos entrevistados, segundo números da pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância. Na antiga invasão das Malvinas, a situação não desbota dos dados do UNICEF. Para Antônio Carlos Silva Santos, representante do Conselho de Moradores do bairro, “há muita mão-de-obra disponível para trabalho, mas quem é daqui sofre imenso preconceito desde quando abre a boca e para dizer que é do Bairro da Paz”.

Santos ressalta que um dos motivos que levaram à mudança do nome do lugar, em 1992, foi justamente a tentativa de fazer com que cessasse esse preconceito. “Quando nos reunimos na Praça das Decisões para trocar o nome do bairro, a maioria das pessoas foi favorável, pois acreditava que com isso conseguiria emprego mais fácil”, lembra. Para o membro do conselho, a mudança do antigo nome para um mais “pacífico” não deu certo: “As pessoas continuam discriminando a gente, mesmo mostrando que somos confiáveis, que somos da paz”.

Muitos dos condomínios de luxo de Piatã e da Paralela contratam os moradores do bairro com baixa escolaridade para executar funções de serviços domésticos, jardinagem e segurança. O demasiado número de bares, botiques, supermercados e lojinhas comprova que o comércio é uma alternativa viável para quem prefere trabalhar dentro dos trâmites legais do mercado formal. Mas grande parte dos jovens do Bairro da Paz sobrevive de bicos, sub-empregos e pequenos negócios próprios. É o caso de Neide (que preferiu omitir seu sobrenome), mãe de dois filhos, que cadastra em média 400 cordeiros para o Carnaval. Os selecionados ganham 24 reais por dia, além de lanche e transporte.

“Sempre tem gente correndo atrás do trabalho. Eu pego qualquer pessoa, menos menor [de idade], grávida e acima de 50 anos”, afirma. Para Neide, apesar da grande procura, especialmente por mulheres, “muitas pessoas estão querendo apenas ga-

nhar a vida fácil no tráfico de drogas”.

O crime organizado, além de concorrer com o trabalho de Neide e vitimar jovens da comunidade, estigmatiza ainda mais o Bairro da Paz como local violento, o que alimenta um círculo vicioso que faz com que recorram ao tráfico muitos daqueles que não conseguem emprego devido ao preconceito em relação ao bairro.

Cooperativa na Resistência

Os problemas que surgem da ineficiência e do descaso dos poderes públicos em relação ao Bairro da Paz são amenizados graças à existência de associações comunitárias e à intervenção de organizações não-governamentais (ONGs) junto aos moradores da comunidade.

Projetos como o Movimento pela Qualificação, Renda e Cidadania (MOVIC) ajudam a alterar o quadro social desfavorável à comunidade do Bairro da Paz. A ONG, que não por acaso tem sede na Rua da Resistência, é subsidiada por recursos da

Petrobras e estabelece parcerias com instituições como o SEBRAE e o SENAI, dentre outras, para a realização de projetos de geração de renda e promoção da cultura. O MOVIC oferece cursos gratuitos de teatro, dança afro, capoeira e reforço escolar para crianças e adolescentes do bairro, ministrados por orientadores contratados pela ONG.

Para Sami Santos, professor de teatro há mais de um ano, “através do projeto os jovens da comunidade têm acesso ao que nem a escola nem os pais podem oferecer”. O professor conta que trabalha temas que dizem respeito à realidade social dos moradores do bairro. “Nossas peças falam do preconceito que se tem com o Bairro da Paz, como uma em que mostramos um morador descendo num ponto de ônibus e ouvindo os passageiros falando mal do lugar”, conta. Santos esbarra, porém, nas carências de grande parte dos seus 25 alunos, que têm entre 9 e 16 anos: “Muitos deles têm sérias dificuldades com a leitura

dos textos e a escrita”.

Edineide dos Santos, 17 anos, aluna do curso de dança afro, garante que nos dois anos em que participa do projeto aprendeu “muitas coisas”. Por outro lado, Edineide, que deveria estar no ensino médio por conta da idade, não está matriculada em nenhuma escola: “Não encontrei vaga”, justifica.

Além da oferta de cursos, o MOVIC subsidia a Cooperativa Colibris, cedendo espaço, equipamentos, treinamento e alimentação para os cooperados, que são moradores do bairro, divididos em grupos de confecção de calçados de couro, serigrafia e artesanato. O galpão onde funcionam os ateliês ocupa parte da sede da ONG, mas a cooperativa está prestes a inaugurar uma pequena loja para escoar sua produção e pretende construir ainda uma sede própria e adquirir auto-sustentabilidade.

Marcos de Almeida, coordenador do MOVIC, admite que tinha outras impres-

Carlos Eduardo Oliveira



Barulho, calor e salas improvisadas no único colégio de Ensino Médio do bairro

sões antes de ir trabalhar no Bairro da Paz: “Vim com um pouco de preconceito, que caiu por terra depois do primeiro contato”, conta. Segundo Almeida, as ações da ONG ultrapassam a geração de renda e a promoção cultural: “Nossa missão é desmitificar o Bairro da Paz. Muitas pessoas geralmente omitem que moram aqui, dizem que moram na Paralela ou perto de Mussurunga. Ou então admitem acanhadas, mas vem logo a pecha de marginal e vagabundo”. O coordenador do MOVIC critica ainda o tratamento que a grande mídia dispensa ao bairro. Segundo Almeida, “o Bairro da Paz só é manchete quando o tema é violência”, resume.

A não renovação do contrato que o MOVIC mantém com a Petrobras, que tem prazo para se dissolver, fará com que a ONG deixe de receber os 30 mil mensais com os quais cobre os custos de manutenção, despesas básicas e pagamento de pessoal. Almeida conta que são feitas prestações de contas trimestrais e que, no caso de a ONG não conseguir o patrocínio de outras empresas após o fim do contrato com a estatal, espera que ao menos a cooperativa se auto-sustente e mantenha as atividades.

Lixo vira poltrona

Quando o pessoal da Fundação Ondazul, em parceria com integrantes da ONG Apompas, conseguiu criar a Cooperativa Novo de Novo, com subsídios também da Petrobras, “o desafio foi fazer com que a comunidade comprasse a idéia”, recorda Goia Lyra, coordenadora do projeto.

A cooperativa, que transforma garrafas PET em puffs e poltronas, conta hoje com 20 cooperados, moradores do Bairro da Paz, com idade entre 18 e 28 anos. A geração de renda se dá através da concessão de bolsas de 80 reais e das sobras de capital obtidas da venda dos móveis, que são divididas entre cooperados como Fabiane Negreiros, que costura os tecidos sintéticos dos móveis e sabe de cor que uma poltrona, que pode custar 150 reais, “leva 163 garrafas PET”.

Goia conta que já recebeu encomenda de 16 poltronas e 36 puffs, mas que pretende aumentar o fornecimento de produtos para lojas de móveis. A coordenadora ressalta que é necessário “investir mais na coleta seletiva no bairro”. Segundo ela, “a parte mais difícil é recolher as garrafas, que devem estar em perfeito estado”. Além da ausência de uma campanha de esclareci-

Carlos Eduardo Nascimento



Cooperativa Colibris leva renda e profissionalização para a comunidade

mento para separação de garrafas PET na comunidade, há ainda concorrência direta com o ferro-velho que funciona ao lado e elevou o valor pago por quilo de garrafa de plástico, obrigando a ONG a pagar mais caro pela matéria-prima.

Da Paz à Graça

Para Andrei Grunwald, advogado e supervisor do Balcão de Justiça e Cidadania

situado no Bairro da Paz, “com a sociedade civil organizada, a criminalidade começou a perder espaço no bairro”. O advogado ressalta ainda que “apesar disso, a comunidade continua levando a fama. A violência que existe no Bairro da Paz é a mesma que existe na Graça”, afirma.

Segundo o coordenador do Balcão, órgão do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia com parceria da Santa Casa de Mi-

sericórdia e a Unyhana, “das pessoas que vêm ao Balcão, 95% são negros ou pardos e 75% recebem bolsa-família. A média de renda mensal varia em torno de 120 reais e a escolaridade média é até a 5ª série”. Apesar do quadro social preocupante, para Grunwald a atuação das ONGs traz reflexos positivos ao Bairro da Paz: “A comunidade está mais independente e sabedora dos seus direitos e deveres”.

De invasão à comunidade organizada

A história da ocupação do Bairro da Paz começou no ano de 1982, quando aproximadamente 50 famílias ocuparam um terreno bem menor do que o atual. Em junho daquele ano, Inglaterra e Argentina digladiavam-se pela posse das ilhas Falklands (Ilhas das Malvinas), o que acabou inspirando os moradores a batizar a invasão com o mesmo nome.

Houve represália dos poderes públicos, principalmente do Governo Estadual, na época sob chefia do governador Antônio Carlos Magalhães, para afastar os moradores do local da ocupação. A idéia era realocá-los em casas populares que seriam construídas em Alto de Coutos.

Os moradores se reuniram na praça do bairro, mais tarde denominada Praça das Decisões, e resolveram resistir ao processo de remoção. O nome da rua principal, Rua da Resistência, veio justa-

mente do ato de bravura da comunidade contra a força policial que insistia em derrubar as casas de alvenaria e taipa.

A queda-de-braço foi vencida pelos moradores, e nos governos sucessivos houve uma ligeira urbanização do bairro, que trouxe luz elétrica e água encanada para o local. A rápida reorganização atraiu novos residentes para a invasão das Malvinas, que em 1992 foi rebatizada para Bairro da Paz.

Segundo Antônio Carlos Silva Santos, líder comunitário, o maior perigo para a localidade, atualmente, é a especulação imobiliária que vem “espremendo” o bairro. “Nós estamos na vitrine da Paralela, aqui não é lugar de pobre, não. Os AlphaVilles e novos condomínios da vida já entenderam isso e querem nos tirar daqui. Mas nós já resistimos por vinte e cinco anos, continuaremos na luta”.